



VIOLÊNCIA E MÍDIA: ESPETACULARIZAÇÃO EM JOGO

Silvia Caroline Gonçalves¹

RESUMO: O objetivo do artigo é pôr em destaque uma das principais estratégias utilizadas pela mídia: a espetacularização da violência. O corpus para a análise são as reportagens a respeito do massacre na Escola Tasso da Silveira, em Realengo – RJ. Os dispositivos teóricos metodológicos para análise estão alicerçados na Análise do Discurso de linha francesa. Concluiu-se que tal estratégia possibilita o surgimento de deriva de sentidos dos enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: Espetacularização; Mídia; Violência.

1 INTRODUÇÃO

Não são raros os estudos sobre os discursos midiáticos, na tentativa de descrever e entender seu funcionamento, suas práticas discursivas. Esta vasta coletânea de esboços sobre a mídia intensificou-se ainda mais nos últimos anos, talvez devido à influência desta instância na sociedade e também da realidade pós-moderna: sujeito fragmentado, enfraquecimento das instituições, horizontalização das relações sociais. Sendo assim, analisar os discursos midiáticos é pertinente porque a mídia - na condição de meio de comunicação - está sujeita a mudanças contínuas e, portanto, à possibilidade de se criar novas redes de dizeres.

Em um primeiro momento, porém, é importante atentar para um período em que houve o advento dos meios de comunicação de massa, os quais contribuíram para a reprodução e distribuição da cultura. Essa mercantilização dos bens culturais é conhecida como Indústria Cultural², a qual está intrinsecamente ligada à lógica capitalista. Nesse sentido, os bens culturais, a arte e a informação passam por uma roupagem mercadológica, a fim de amoldarem-se à linguagem midiática, lugar pelo qual são propagados.

Da mesma forma, os receptores, espectadores, ouvintes e leitores das práticas discursivas midiáticas passam a perceber o que lhes são transmitidos como mercadoria – bens de consumo. Como consequência, surge o que Guy Debord chama de Sociedade do Espetáculo. Ele ainda acrescenta que esse acontecimento pode ser designado como a Segunda Revolução Industrial, já que os indivíduos são transformados em consumidores. Na sociedade do espetáculo, “toda imagem, mesmo a imagem jornalística, mesmo a informação mais essencial para a sociedade, tem o caráter de mercadoria, e todo acontecimento reduz-se à dimensão do aparecimento” (KEHL, 2004, p. 156).

Tendo em vista esta breve explanação, será percorrido adiante sobre o processo de espetacularização utilizado pela mídia, lembrando que será tratado aqui como efeito do discurso midiático.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Serão apontadas as principais características de um discurso midiático, além de sua regularidade, suas funções e seus efeitos de sentido, dando destaque a um dos dispositivos utilizados pela mídia: a espetacularização. Para isso, o material de análise será o massacre na Escola Tasso da Silveira, em Realengo – RJ, ocorrida no dia 07 de abril de 2011.

Este episódio foi escolhido pela sua característica inédita: não havia acontecido no Brasil um massacre em escolas de tamanha proporção, podendo ser considerado um acontecimento discursivo³ (visto permitir que uma rede de novos dizeres pudesse emergir). Por meio dele, houve a possibilidade de reunir formações discursivas de diversos campos de saber: da medicina, da política, das ciências sociais e do campo religioso.

A escolha da mídia impressa deve-se ao fato de a escrita desempenhar o papel de prova para a instauração da verdade. Além disso, ela se inscreve em uma “situação de troca monolocutiva” (CHARAUDEAU, 2006a, p. 232), o que permite ao jornalista jogar sutilmente com o eixo do engajamento. O autor acrescenta ainda que essa situação dirige-se, diretamente, ao espírito, enquanto que as demais o apelo predominante é para os sentidos. Já a escolha da Revista Veja deu-se pelo fato de ser a de maior circulação no país, com uma tiragem de mais de um milhão de exemplares. A análise do corpus está fundamentada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa.

¹ Mestranda em Letras pela UEM, Maringá – PR. silviacaroll@hotmail.com

² Termo criado pelos filósofos e sociólogos Theodor Adorno e Max Horkheimer, em 1947, em seu livro *Dialética do Esclarecimento*

³ Acontecimento discursivo, conforme Possenti (2006, p. 95), pode ser entendido aqui como um conjunto de textos que pode remeter não só ao próprio acontecimento, mas a outros textos e a outros acontecimentos que este levou a rememorar. Assim, forma-se uma espécie de arquivo, no interior do qual as relações intertextuais e interdiscursivas se desenham, as diversas posições se materializam, as posições vão se repetindo ou se renovando



Quanto ao funcionamento da mídia, torna-se válido ressaltar a citação de Gregolin quando considera que “a mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social” (2003, p. 96). Essa característica está relacionada com seu papel primordial, que é o de mediar os receptores com a realidade. Rodrigues (1997, p. 219) acrescenta que a “aptidão para contaminar as outras modalidades de discurso e para se deixar por elas contaminar” é que torna a mídia habilitada a exercer a função de mediação.

É importante ressaltar que o discurso midiático apresenta-se como acabado, contribuindo para produzir um efeito de “univocidade”. Em outras palavras, pode-se afirmar que essa instância faz uso de uma linguagem que transmite uma ilusão de “unidade” no sentido, uma impressão de completude na informação dos fatos. A estratégia utilizada para isso, conforme Rodrigues (1997, p. 217), é o uso predominante da terceira pessoa, a fim de camuflar o processo de enunciação. Dessa forma, a universalidade referencial dos enunciados gera credibilidade a respeito da narração dos fatos. Essa especialidade é mais evidente nos discursos jornalísticos, os quais são tidos, muitas vezes, como verdade absoluta da história.

Charaudeau (2006 b, p. 63) destaca que a mídia encontra-se em um duplo dispositivo: o de exibição e o de espetáculo. No primeiro, há uma busca por credibilidade e, para isso, essa instância denuncia, interpela, acusa, informa, tudo isso para justificar seu lugar na opinião pública. Já no segundo, há uma busca por cooptação, levando-a a dramatizar a narrativa dos acontecimentos, a fim de ganhar a fidelidade do público.

Desse modo, a mídia é legitimada⁴ em seu papel de informação, mas, concomitantemente, está

[...] em busca da credibilidade dos cidadãos (e dos políticos) – o que inscreve essa instância em uma lógica democrática – e de captação do maior número de adeptos, dada a sua situação de concorrência com outros órgãos de informação – o que a inscreve em uma lógica de sedução comercial (CHARAUDEAU, 2006, p. 62).

O mesmo autor acrescenta que “informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’)” (CHARAUDEAU 2006a, p. 63). Em outras palavras, além da relação com o imaginário do saber, o discurso midiático de caráter informativo tem relação com o imaginário do poder, visto que lhe é conferida uma autoridade devido a esse saber.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabe-se que a materialidade linguística entrecruza-se com a materialidade histórica e que a ideologia atravessa a língua. Dito de outro modo, a língua é uma instância de funcionamento da ideologia.

É sabido que, na construção de textos midiáticos, a escolha de determinadas palavras e o apagamento de outras pode direcionar a certos efeitos de sentido, os quais refletem a uma determinada posição – sujeito de uma determinada ideologia. Merece destaque a reportagem de capa da revista Veja que expôs o massacre na Escola Tasso da Silveira.



Veja (edição 2212, ano 44, nº 15)

Nesta edição, publicada no dia 13 de abril de 2011, nota-se a manchete *O monstro mora ao lado*. É possível relacionar este título com outras materialidades linguísticas já existentes, isto é, a um *já dito*: há um livro

⁴ De acordo com Charaudeau (2006b, p. 65), “o mecanismo pelo qual se é legitimado é o reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, realizado em nome de um valor que é aceito por todos. Ele é que dá direito a exercer um poder específico com a sanção ou a gratificação que o acompanha”. Ele salienta que há diferença entre legitimidade e credibilidade. A primeira determina um “direito do sujeito de dizer ou de fazer” enquanto que a segunda corresponde a uma “capacidade do sujeito de dizer ou de fazer”.



intitulado *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*⁵, um dos livros de não ficção mais vendido em 2009; há também o filme *O pecado mora ao lado* (1955), o qual foi considerado uma das grande comédias do cinema, além de ter sido uma mola propulsora para a carreira da atriz Marilyn Monroe. Percebe-se que a utilização, por parte da revista, da fórmula fixa “mora ao lado” tem a finalidade de gerar familiaridade em seu público (característica exotérica).

Seguindo o raciocínio da direção da leitura ocidental (eixo esquerda – direita), encontra-se o seguinte subtítulo: *Como saber quando a loucura assassina emergirá das camadas profundas de anos de humilhação, solidão e frustração?* Os substantivos “humilhação”, “solidão” e “frustração” são ratificados pela estratégia imagética: o título e o subtítulo estão organizados sobre uma tarja preta, localizada na altura dos lábios de Wellington (representando uma mordada).

Essa disposição de texto e imagem, juntamente com o contraste das cores vermelho e preto, faz alusão à tortura. Com base nestas constatações, pode-se afirmar que o efeito de sentido produzido foi que o possível ostracismo havia sido tão torturante a ponto de despertar a loucura assassina de Wellington.

A capa traz também três boxes informativos, intitutados: *o efeito imitação*, *vidas interrompidas* e *vidas a construir*. Cada um deles aponta para uma determinada estratégia midiática: trazer à lembrança fatos semelhantes ocorridos anteriormente (por meio da memória metálica⁶), dramatização da realidade (são contados estilos de vida, personalidade, sonhos dos “personagens”) e o efeito de “completude” da informação (reportado sobre “o depois” do acontecimento, as implicações, as consequências).

Vale fazer um recorte de alguns trechos dessas e das demais reportagens referentes ao massacre nessa edição, a fim de destacar as formulações que auxiliaram na espetacularização da violência:

“Um dos alunos suplicou ao matador que poupasse a sua vida: ‘não me mata, pelo amor de Deus’. E ouviu do assassino: ‘Fica tranquilo, gordinho, que eu não vou fazer isso’. Ele saiu vivo”. (BRASIL; DINIZ; SEGALLA, p. 82).

“Relata a avó: ‘Antes de sair, ela pediu a minha bênção, como sempre fazia. Eu respondi: Deus te proteja e te guarde, minha filha. Desta vez, Ele não guardou’.” (BRISO; LIMA, p. 88).

“Ganha cerca de 2.500 reais por mês na PM e seu único patrimônio é uma casa em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio. ‘Gosto do que faço e de ajudar os outros. Só isso’. Na quinta-feira, “só isso” foi o bastante para evitar que, pelas escadarias da escola de Realengo, corresse ainda mais sangue”. (BETTI, p. 90).

“Nas imagens da Rede Globo, Jade aparece falando ininterruptamente, como se estivesse decorado um texto. ‘Aí ele chegou falando assim: Vou matar vocês. Eu escutava muitos tiros e um monte de crianças gritando. Quando eu ia subir para o 2º andar, aí eu fui lá e falei assim: Meu Deus, o que será que vai acontecer comigo, eu falei para minha amiga. A gente subiu e nisso ele ia atirando no pé das crianças para não subirem e mandando as crianças virar para a parede que ia atirar nelas. E as crianças falavam: Não atira em mim, por favor, por favor, moço. Ele ia lá e atirava na cabeça das crianças’, contou a menina. Na sala onde se escondeu, ela relata ter permanecido ‘desenhando uma casa na minha mão’.” (LOPES; MING, p. 93).

Nota-se, por meio desses fragmentos, a utilização de testemunhos, a fim de obter-se o efeito de verdade e, conseqüentemente, de credibilidade. Charaudeau (2006a, p. 53) explica sobre a estratégia midiática de caráter testemunhal. O autor descreve que, no testemunho, há “o papel de ‘portador da verdade’ na medida em que a sua fala não tem outro objetivo a não ser de dizer o que viu e ouviu”.

Apesar de essa ferramenta ser tão solicitada pela mídia, esses testemunhos não são de extrema importância para a compreensão dos fatos. Todavia eles possuem a capacidade de aproximar o leitor das sensações vividas pelas vítimas. Dessa forma, as cortinas se abrem para o espetáculo, o imaginário é explorado e os efeitos de sentido são “acionados”.

Outra imagem, utilizada como foto principal da reportagem de capa, evidencia a espetacularização da violência.



Figura 2

⁵ Autoria de Ana Beatriz Barbosa Silva, editora Fontamar, 2008.

⁶ A memória metálica, termo utilizado por Eni Orlandi, é produzida pela mídia, por um construto técnico, e não pela historicidade.



Percebe-se que a foto está “estilizada”, isto é, foi aplicado um filtro na imagem que a deixou levemente turva e embaçada, a fim de omitir os rostos das vítimas, mas sem ocultar o sangue em seus uniformes. Além disso, há grafismos que simulam as marcas deixadas pelas balas, fazendo alusão à maneira pela qual as crianças foram assassinadas. O título *Cruel, aterrador e inexplicável* ratifica o que é demonstrado pela imagem. Dessa forma, a foto não se restringe mais a um índice do real, mas possibilita uma gama de sentidos quanto à representação da violência, que aqui aparece espetacularizada.

Seguem mais duas imagens:



Brasil, Diniz e Segalla (2011, p. 82-83)

Figura 3



Brasil, Diniz e Segalla (2011, p. 85)

Figura 4

Charaudeau (2006a, p. 55) salienta que a veracidade de uma informação é da ordem do imaginário e, sendo assim, os discursos tendem a provar a autenticidade, a verossimilhança e a explicação dos fatos. O veículo de comunicação escolhido para esta análise fez uso das três estratégias. Em relação à autenticidade, a revista fez uso de documentos (cartas e fragmentos escritos por Wellington, ficha e boletim escolares) e de imagens (chama-se atenção para a foto – de baixa resolução e “sem tratamento” – de Wellington morto, intensificando o efeito de real). Quanto à verossimilhança, é utilizada uma ilustração (o passo a passo do massacre), a fim de reconstituir o acontecimento, levantando suposições a respeito do ocorrido. Por fim, a explicação dos fatos envolveu discursos de instituições tradicionais e de vários outros campos de saber: medicina (esquizofrenia, traumas físicos e psicológicos), religioso (líderes religiosos foram entrevistados), antropológico (comportamentos como *bullying*, vício em *internet*), político (policimento em escolas, desarmamento), educacional (responsabilidade das escolas em relação ao *bullying*).

É nessa possibilidade de interação entre formações discursivas de diversos campos, a qual perpassa no interdiscurso e viabiliza-se no intradiscurso, que pode ser percebido alguns processos de deriva de sentido. Alguns dos fragmentos da reportagem *O efeito viral das matanças* (TEIXEIRA, 2011, p. 98) denotam isso: “No dia seguinte ao massacre em Realengo, as redes sociais brasileiras estavam cheias de comentários assustadores e enaltecimentos a Wellington. ‘Se Deus existe, ele estará do seu lado, irmão, viva a minoria’ [...] ‘Pior é que eu sei o que se passava na cabeça dele’, escreveu um integrante do Twitter”.

Tendo em vista este exposto, pode-se afirmar que o processo de deriva de sentido é decorrente da contradição, a qual é constituinte da ideologia. Nas palavras de Schons e Mittmann (2009, p. 302), “[...] a contradição é tratada como heterogeneidade discursiva. O discurso (e com ele o gesto de interpretação), ao mesmo tempo em que constitui, transforma o objeto, os movimentos de suas contradições”. Mais adiante, as autoras consideram que contradição e equívoco não estão organizados numa bipolarização lógica, nem são problemas a serem resolvidos. Na verdade, contradição e equívoco é o que torna possível a deriva de sentidos e, por ela, da própria interpretação.

Outro fator importante a mencionar-se em relação à língua e à ideologia são os qualitativos atribuídos a Wellington pela revista: monstro; criança-problema; mente perturbada, perversa e doentia; assassino; atirador e covarde são alguns dos adjetivos utilizados para referir-se ao autor do massacre.

Todavia, apesar da revista, mediante os artigos e imagens veiculados, condenar e ratificar essa condenação em relação à atitude de Wellington, o fato de espetacularizar o acontecimento gera um contradiscurso, uma resistência, uma contradição dentro do próprio discurso. Em outras palavras, enquanto o veículo critica as consequências do acontecimento, levantando possíveis responsáveis (neste caso, a instituição



escolar), ao mesmo tempo, acaba enaltecendo o responsável pelo massacre, por meio da estratégia de visibilidade. Esse enaltecimento não é proposital, mas é fruto do processo de deriva de sentidos, o qual todo acontecimento discursivo está sujeito a sofrer.

Conforme citado anteriormente, a estratégia de visibilidade reforça a realidade pós-moderna em que vive a sociedade do espetáculo: “apareço, logo existo”. Rubim (2004, p. 184) destaca que, neste cenário, as imagens passam a ter lugar privilegiado no âmbito das representações. A maneira como a mídia conta sobre os fatos (tanto de forma imagética quanto discursiva) amplia a espetacularização. Esse fato corrobora com a afirmação de Rubim:

Já não se trata de assegurar o melhor lugar possível para ver, mas de possibilitar, no limite, o olhar total, recorrendo a uma multiplicidade de câmeras que, por intermédio de todos os ângulos de visão, permita olhar todos os detalhes do corpo (desmaterializado) em exibição. A profusão de olhares possíveis torna-se ela mesma um espetáculo (2005, p. 18).

As imagens utilizadas na série de reportagens sobre o massacre evidenciam essa citação de Rubim:



Alguns fragmentos das reportagens da revista *Veja* põem em evidência os efeitos da hipervisibilidade, consequência da sociedade do espetáculo:

“Antes disso, muitas outras chacinas em escolas já haviam ocorrido, a maioria nos Estados Unidos, mas a de Columbine foi emblemática porque ganhou muita visibilidade e ocorreu em um momento de popularização da internet [...] O fato de as carnificinas atraírem atenção mundial também é um estímulo aos replicadores dos crimes.” (TEIXEIRA, 2011, p. 96).

“[...] ‘Excluídos ao longo da vida, eles buscam a fama no seu gesto final’” (BRASIL, 2011, p. 95).

Esses recortes são exemplos do processo de deriva de sentidos: ao informar sobre a violência de maneira espetacularizada, os meios de comunicação correm o risco de colocarem em um trampolim às práticas discursivas que banalizam a violência.

4 CONCLUSÃO

Segundo Charaudeau (2006a, p. 281), toda sociedade tem necessidade de uma mediação social, isto é, de um sistema de valores mitificado, o qual desempenha o papel de cimento identitário e que é partilhado pelos membros dessa sociedade. Na realidade atual, é a mídia quem efetua esse papel de mediação, ao mesmo tempo em que é portadora de imaginários sociais. Por essa razão, é possível afirmar que cabe à mídia (sobretudo a de caráter informativo) algumas responsabilidades.

Conforme mencionado anteriormente, sabe-se que essa instância está submetida tanto à lógica da informação (o que lhe confere credibilidade) quanto à lógica de mercado (a qual lhe exige resultados quantitativos). Essa relação conflituosa sempre irá existir, visto que, ao optar pelos efeitos de dramatização, a mídia corre o risco de perder a credibilidade e, ao buscar a democracia cidadã, ela perde para a concorrência comercial. Mesmo assim, a sua atividade deve estar baseada em um princípio ético. Para isso, ela pode atentar para a seleção dos acontecimentos, isto é, o que vai ser dito. Mais ainda: ela pode atentar para a escolha do que será mostrado e em qual encenação (a maneira como será dito).

Outra questão que deve ser levada em conta pela instância midiática é que ela deve aceitar que não pode pretender a transparência, uma vez que o acontecimento é o resultado de uma construção. Em outras palavras, a mídia transmite uma representação imaginada, não a realidade do mundo social (CHARAUDEAU, 2006a, p. 276). Isto porque é sabido que a mídia comenta sobre os acontecimentos sem perspectiva histórica, porém com aparência de evidência. Charaudeau (2006b, p. 285) explica que:



Os acontecimentos apresentados nesse espaço dependem sempre da infelicidade como um sintoma da desordem social que permite colocar em cena as vítimas e os dramas vividos por elas, os malefícios, os perseguidores e os salvadores. O mundo nos é apresentado, a nós, público cidadão, sem que se possa distinguir a realidade da ficção: é apresentada uma espécie de “verdade verossímil”, que faz “fundirem-se os dados da ficção na ilusão do autêntico” por meio de uma narrativa que “constrói seu próprio ideal, fazendo comércio de nossos imaginários”.

É possível levantar ainda outra questão quanto à responsabilidade da mídia: sabendo que o processo de espetacularização traz consigo a possibilidade de dessacralização e banalização, neste caso da violência, há uma necessidade de avaliar até quando utilizar esse dispositivo a fim de cooptação é válido. Sobre esta questão, Rubim (2005, p. 3) apresenta-se mais pessimista: “o espetáculo estaria de tal modo comprometido com a forma de mercadoria e a ideologia burguesa, que teria interditada qualquer possibilidade libertadora”. Em outra obra, o autor ainda acrescenta que “a envergadura do evento ou ato espetacular e seu caráter obrigatoriamente público implicam igualmente, por tudo isso, em um potente impacto social, com repercussões societárias tendencialmente amplas” (2005b, p.15). Tendo em vista essas considerações, o dispositivo da espetacularização poderia ser repensado, a fim de trilhar um caminho mais ético quanto à relação conflituosa entre informação X lucro.

Para finalizar a presente análise (mas sem a pretensão de ter esgotado sobre o assunto), vale ressaltar que, embora cobrando uma postura ética por parte da mídia, deve-se ter em mente que é a própria sociedade que busca a representação do real, mesmo tendo consciência, ou não, que aquilo que ela almeja é a ilusão do real. Cabe destacar aqui o que Charaudeau (2006a, p. 277) afirma sobre nós, seres sociais: “somos uma mistura de desejo e de racionalidade que nos leva a preferir a desordem à ordem, para poder traçar hipóteses sobre as causas da desordem”.

REFERÊNCIAS

- BETTI, R. Só o dever cumprido. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2212, ano 44, n. 15, p. 90, 13 abr. 2011.
- BRASIL, S.; DINIZ, L.; SEGALLA, V. Cruel, aterrador e inexplicável. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2212, ano 44, n. 15, p. 80-85, 13 abr. 2011.
- BRASIL, S.O retrato da mente de um monstro. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ed. 2213, ano 44, n. 16, p. 94-95, 20 abr. 2011.
- BRISO, C. B.; LIMA, R. A. Vidas abreviadas. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2212, ano 44, n. 15, p. 86-88, 13 abr. 2011.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto 2006a.
- _____. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006b.
- GREGOLIN, M. R. V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. V (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95-110
- KEHL, M.R. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 141-161
- LOPES, A.D; MING, L.Vidas a ser reconstruídas. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2212, ano 44, n. 15, p. 92-93, 13 abr. 2011.
- POSSENTI, S. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. Pedro Navarro (org). – São Carlos: Claraluz, 2006. p. 93-108
- REVISTA VEJA. **Retrato da loucura**. São Paulo: Abril, ed. 2249, ano 44, n. 52, p. 102-103, 28 dez. 2011.
- RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAND, M.; PORTO, S. D. (Org.) **O jornal: da forma ao sentido**. Trad. Sérgio Grossi Porto. São Paulo: UnB, 1997. p. 217-233



RUBIM, A. A. C. Espetacularização e Miatização da Política. In: Antonio Albino Canelas Rubim (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador, BA: Edufba, 2004. p. 181-221

_____. **Espetáculo, política e mídia**. 2005a. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.pdf>>

SCHONS, C. R.; MITTMANN, S. A contradição e a (re)produção/transformação na e pela ideologia. In: INDUSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 295-305

TEIXEIRA, D. O efeito viral das matanças. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2212, ano 44, n. 15, p. 96-100, 13 abr. 2011.